

## **Jornal da Tarde**

**19/5/1984**

### **As acusações à "Turma de Diadema"**

*Segundo a polícia e a arquidiocese local, os integrantes dessa turma prepararam todo o movimento.*

"Sílvia", "Benê", "Luiz", "Mazinho", "Antonio", "Cida" — a Turma de Diadema, com seus nomes, falsos ou não, teve muito trabalho esta semana na região de Ribeirão Preto, atuando como orientadores junto aos movimentos grevistas dos bóias-frias da cana e da laranja. Eles chegaram primeiro a Guariba, viajando de ônibus e em um velho sedan Volkswagen azul, entrando em contato com o líder dos volantes, Benedito Magalhães, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Um dia depois, já estavam em Bebedouro e Sertãozinho, empenhados na mesma missão: dar apoio ao movimento, viabilizando a paralisação. Organizaram a arrecadação de gêneros alimentícios, orientaram as mulheres a comparecerem às assembléias com os filhos para constranger qualquer ação repressiva e trataram de manter o clima sempre em nível de moral alto, produzindo cartazes e reunindo as pessoas em empo integral. Quem são eles? "Essencialmente elementos preocupados com seus semelhantes, embora também sejam homens e mulheres com forte noção de sua vida política", explicava ontem um padre ligado à Arquidiocese de Ribeirão Preto.

Há mais do que isso, porém, reconhece o mesmo sacerdote: todos eles têm um traço comum — pertencem aos quadros regulares do PT, o Partido dos Trabalhadores. E pelo menos dois, "Mazinho" e "Cida", também militam junto à Comissão Pastoral da Terra. Um perfil dessa "equipe" como define o padre, mostra que todos estão na faixa etária abaixo dos 45 anos são de famílias da classe média baixa, alguns estudaram até a universidade e, dos seis, quatro estão desempregados.

### **Infiltração**

"Não é um processo de infiltração estranha no movimento dos volantes. Isso seria correto se tivesse havido estímulo à decretação da greve, o que não ocorreu. Os voluntários de Diadema simplesmente vieram solidarizar-se com os trabalhadores, já, naquele momento, empenhados em obter pela pressão uma reivindicação justa negada na mesa de negociações", afirma o religioso. Como explicar então a escalada de violência, aparentemente organizada dentro da greve? "O homem habituado a um trabalho brutal, no qual é tratado sem consideração, reage com brutalidade — essa linguagem, na verdade, foi imposta ao meio que agora explodiu, primeiro pelos usineiros e produtores", considera o religioso. Ele reconhece que "houve rumores" a respeito da presença de elementos radicais, empenhados isoladamente em transformar a greve em uma ação violenta.

### **Organização**

A Turma de Diadema é eficiente. As sacolas de mantimentos distribuídas aos grevistas eram bem compostas, com arroz, sal, feijão ou lentilhas, farinha e carne seca. Para as crianças, leite em pó. Isso durou apenas um dia, mas ontem, em Bebedouro, o esquema voltou a ser acionado junto ao Sindicato. A Prefeitura também articulou uma operação semelhante. Mas em Sertãozinho quase acontecem novos choques: um funcionário do gabinete do prefeito propôs que fosse distribuída aos manifestantes uma refeição pronta — e para evitar que o mesmo bóia-fria entrasse duas vezes na fila, após a entrega do prato, a mão direita de cada um seria

marcada com um carimbo indelével. Houve muitos protestos e a idéia foi rapidamente abandonada.

Nada, todavia, deixou mais evidente a presença de estranhos ao meio do que o quebra-quebra da manhã de ontem em Monte Alto (três mil pessoas realizaram uma manifestação que terminou com o saque a um supermercado e depredações em um cinema, além de danos em vários estabelecimentos comerciais).

### **O detonador**

O começo de um movimento amplo, forte e articulado, como o que levou ao colapso a sofisticada rede agrícola-industrial da cultura canavieira da região de Ribeirão Preto, começa, às vezes, distante do local dos acontecimentos posteriores. Essa é a tese de um militante do PT, identificado apenas como "Tadeu", e ligado à diretoria cassada do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

No caso dos bóias-frias, foi constatado que a reivindicação era legítima, antiga, institucionalmente reconhecida como correta — mas "sempre mal encaminhada negociações com os patrões por falta de comando e preparo". Para suprir essa deficiência, começaram a ser mantidos os primeiros contatos com os dirigentes sindicais de Guariba, Bebedouro, Sertãozinho, Monte Alto e Barrinha. O presidente do Sindicato de Guariba, Benedito Magalhães, é hoje um homem do Conclat. A coleta de informações funcionou muito, e fez chegar ao conhecimento da comunidade de bóias-frias dados referentes ao valor da cultura canavieira, ou a proporção entre o lucro do produtor e , valor estipulado para a tonelada cortada, além de se realizar uma "conscientização da realidade", mostrando, por exemplo, a diferença entre os salários pagos a um operário urbano de média qualificação e as diárias dos volantes. Foi desta maneira que surgiram idéias como a da inclusão de um contrato de previdência social e a da bonificação por dia de chuva, no longo acordo firmado na quinta-feira, sob a intermediação do secretário do Trabalho, Almir Pazzianotto.

Mas a atividade não terminou: sob inspiração dos companheiros do ABC, dois dos líderes bóias-frias querem implantar imediatamente um sistema de comunicação direta com os trabalhadores, provavelmente, através de boletins. E já têm um leque de direitos a serem exigidos na próxima safra: Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, Seguro-Saúde, gratificação por produtividade, farmácia subsidiada, refeições quentes, transporte gratuito em ônibus.

**(Página 10)**